

OLHARES

Rocha de Sousa

Gil Maia

Liturgias pictóricas

A anterior exposição de Gil Maia chama-se *Construções in Palatio*. Era tudo num palácio virtual, inventado a partir de muitas das nossas coordenadas ornamentais. Agora, expondo na galeria S. Mamede, o autor apresenta-nos um conjunto de obras sob a coerente designação de *Construções in Ecclesia*. E, neste caso, trata-se de reorganizar imagens idênticas, arquiteturas em madeira ou andaimes de novas edificações no espaço, realidade algo indefinida onde também se organizam, em jeito de chão, representações evocativas da azulejaria portuguesa. As manchas e *aguadas* complementares parecem resultar de uma indicação de cores esboçadas, em camuflagem dos *andaimes* estranhamente articulados no espaço.

Embora as duas séries sejam formalmente concordantes, a anterior ensaiava a tridimensionalização do espaço plástico através de estruturas constituintes de novos espaços, ao mesmo tempo recorrendo às duas dimensões da tela, no campo sucinto da pintura, algo bem-parecido com o modo atual de formar. Gil Maia parecia teorizar de forma específica a relação do projeto tridimensional, a perspetiva do ilusório, com a representação espacial das estruturas, entre dimensões e referências temporais, azulejos e presenças

escultóricas arcaicas. Os dados referentes eram encenados por forma à sua visualização avançada sobre os espaços profundos e negros. O espectador defrontava-se com uma espécie de palcos organizados de tal forma que davam a ver em picado, além das extensões frontais, as que obliquamente se alongavam em direção ao fundo distante, a uma pressentida linha de horizonte. Um clima operático parecia decorrer das instalações em curso.

DO SIMPLES À COMPLEXIDADE CONCEPTUAL

Segundo o ensaio de Hugo Dinis, “a simplicidade desta composição promove a sua complexidade conceptual, porque a encenação da identidade histórica poderá reavivar a identidade íntima e pessoal de cada indivíduo, sem com isso alcançar a identidade nacional”. Ora o sistema representativo da atual exposição indaga estas mesmas questões e o próprio autor, consciente disso, apenas muda o referente dantes convocado, captando interesses culturais e como que revelando a mentira tridimensional e arquitetónica das peças conjugadas, ao mesmo tempo que desfoca outros referentes adicionais em jeito de fragmentos de evocação nacional incompleta.

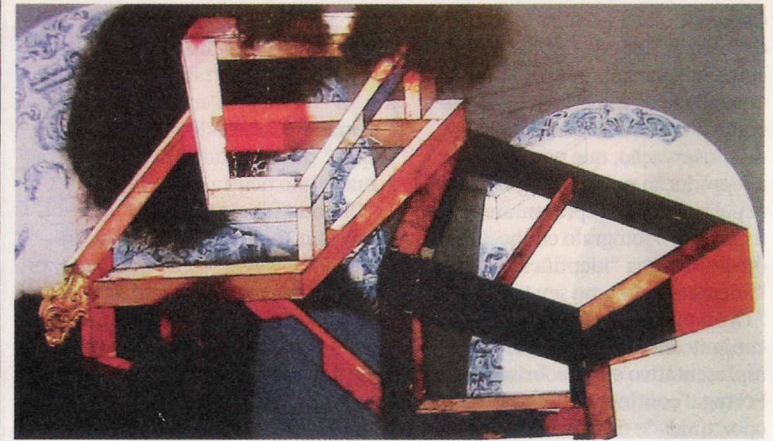
Etimologicamente, *Ecclesia* é uma palavra latina que quer dizer “igreja”. Mas significou, na antigui-

dade, curral ou brigo de ovelhas, e foi uma palavra muito difundida pelo Cristianismo pela relação simbólica entre os crentes, fléis envolvidos na liturgia, “ovelhas” que se deixavam cuidar pelos “pastores”. Em boa verdade, e antes do templo propriamente dito, *Ecclesia* nomeava o conjunto dos cristãos que se reúnem regularmente numa igreja – uma totalidade de cristãos de uma mesma seita (cf. Wikipedia). No dicionário Houaiss, a palavra “Igreja” surge no seu sentido mais espiritual, *ekklesia* como “assembleia por convocação, assembleia do povo ou dos guerreiros, assembleia dos anciãos e dos fiéis, lugar de comunhão cristã – igreja ou templo”. É a memória do lugar de acolhimento de práticas de conjunto, postura do coletivo em regras de uma orientação cristã.

Cabe aqui dizer que o simbolismo religioso desta pintura não é uma referência histórica precisa ao



Quadros incompletos como se anunciassem processos em curso, folhas de projetos, indício de pinturas solenes



Pintura de Gil Maia *Uma arte pensada e sentida*

Cristianismo, embora, como nas obras anteriores, algo de parecido com o *efeito de catedral* parecia resultar do modo de ocupar o espaço e dos processos de instalação arquitetural das estruturas de madeira, além dessa espécie de ressonância sacra entre os objetos e a escala grandiosa em cada caso a *fazer-se*.

É inteiramente viável, para esta nova série de pinturas de Gil Maia, repescar parcialmente a nossa leitura anterior em que se assinalava a cacofónica organização dos travejamentos no espaço, apesar da sua coesão tridimensional ou volumétrica (em termos perceptivos perante a representação no plano) e a sua possível múltiplo-espacialidade, mesmo que indicada por alusões religiosas e restos cuja grandeza serve, entre vastos volumes subentendidos, plataformas de chão, palco ou conceção, sobre as quais assentam visivelmente as já referidas estruturas construtivas, lineares, capazes de indiciar salas, corredores enviesados ou quartos assimétricos, caixas preventivamente apoiando a futura invenção de figuras, marcações, gestos, liturgias. Esta ideia aflora apenas uma pista de pós-representação de lugares dentro de espaços com gente formatando a ec-

clesia, por exemplo. Os quadros estão todos *incompletos* como se anunciassem processos em curso, folhas de projetos, indício de pinturas solenes e envolvências de azulejos refrescando a periferia de cada *capela* consumada. Um dia os praticáveis sustentarão figuras ou figurantes demonstrativos do uso social e religioso desta realidade unindo o passado e o presente. Por agora, e ainda bem, há o vazio como truque pictórico, resto igualmente de interiores meio edificados meio perdidos, através dos quais o *puzzle* dos mosaicos aparece desarrumado mas plasticamente apelativo, seja qual for a sua memória e o seu futuro.

Uma arte pensada e sentida. Uma arte onde se julga ouvir certa cantata de Bach. Uma arte solta e rigorosa, experimentada e experimental. Um tempo de observação e vontade de espera. Daqui, no centro dos ecos, o olhar torna-se absorvente enquanto o imaginário adivinha futuros que ninguém sabe se terão lugar assim. ■■

► Gil Maia

CONSTRUÇÕES IN ECCLESIA

Galeria S. Mamede, Lisboa, 27 de fevereiro